A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 11 | Domingo 11 de março | 1893

SIR GEORGE GLYNN PETRE

PODE-SE dizer de Sir George Petre que elle é o mais sympathico e mais estimado em Portugal de todos os inglezes; e pode-se acrescentar, fazendo-lhe inteira justiça, que o merece.

N'estas brevissimas palavras poderia resumir-se a apresentação ao publico, que nos incumbe fazer, do seu retrato; pois n'ellas se contém o maximo elogio que o diplomata britannico poderia alcançar n'este paiz, onde servio durante nove annos e onde atravessou incolume a crise mais violenta por que teem passado as intimas relações entre Portugal e a Gran-Bretanha nos ultimos dois seculos.

Os que de perto conheciam e tratavam Sir George Petre nem um só momento duvidáram dos sentimentos cordialissimos que o animavam com relação a Portugal, nem um só instante podéram suspeitar da sua absoluta lealdade e do seu cavalheirismo inquebrantavel. Mesmo as pessoas que tinham com elle menos intimas relações, e apenas o viam de longe em longe, poupavam a pessoa do ministro ao violento ressentimento que o proceder cruel do seu governo provocára no animo de todos os bons portuguezes.

Esta confiança geral, tão profunda e tão inabalavel que a tudo resistia, soubéra conquistal-a o representante da Inglaterrra, desde a sua entrada em Portugal, pela inteiresa do caracter e pela affabilidade do trato, completamente despido da costumada altivez britannica.

O acolhimento que nunca lhe faltou durante a sua longa missão e a saudade que nos deixa demonstram cabalmente quanto prestigio pode alcançar um homem de bem ás direitas, um perfeito cavalheiro, mesmo quando o exercicio da sua profissão lhe tenha imposto o dever imprescriptivel de defender uma pessima causa.

*
* *

Sir George teve sempre uma comprehensão justissima das relações que devem existir entre Portugal e a Inglaterra, fundamentalmente opposta á orientação que predominou no gabinete de Saint James durante quasi todo o tempo em que elle aqui o representava; e o mais notavel é que a mesma tendencia se tem revellado em muitos dos diplomatas ingleses que teem estado ultimamente em Portugal, entre os quaes é justo mencionarmos o seu predecessor immediato, Sir Charles Lennox Wyke, e o seu ultimo collaborador, Mr. Goschen; esperamos que d'ella se não apartará tambem Sir Hugh Macdonell.

Comprehendem elles que uma leal amisade e sincera cooperação entre duas nações, que tão intimas foram durante seculos, vale mais, para a propria Inglaterra, do que alguns territorios de contestavel utilidade que ella arranque violentamente á nossa altiva pobresa; sentem que a moderação é attributo da força e que uma impeccavel cortesia é inseparavel da nobresa; sabem que mais cresce o prestigio da Gran-Bretanha protegendo o direito com o seu immenso poderio do que postergando-o por meio d'elle; recordam-se, finalmente, de que nem sempre fomos inuteis alliados e de que em mais d'uma campanha derramámos o nosso sangue generoso para dar lustre ás armas inglesas.

Sir George Glynn Petre não olvidou um só momento quão facil seria para uma Inglaterra generosa e boa, sobretudo justa, tornar a ser querida n'este velho Portugal, que tanto carinho lhe teve n'outros tempos; por isso o seu nobre coração era ferido até ao amago por acerba dôr cada vez que elle tinha de ser interprete das immerecidas violencias a que o Marquez de Salisbury por vezes se deixou arrastar, pela intriga desaforada de Cecil Rhodes e pela cupidez insaciavel d'alguns magnates.

*
* *

Nunca essas violencias teriam chegado ao seu auge, nunca a chamada *questão ingleza* teria tomado o caracter agudo, que a tornou para nós tão dolorosa, se os dois governos houvessem escutado na occasião propicia o prudente conselho de Sir George Petre, e se não tivessem apartado mal avisadamente do caminho que o habil diplomata se esforçava por abrir-lhes.

Duas palavras de historia bastam para justificar esta asserção.

O apparecimento e a phantastica delimitação do Estado Independente do Congo, traçado arbitrariamente sobre um mappa ao sabor das aspirações de S. M. o Rei dos Belgas e consoante as indicações do famigerado Stanley, mostrou-nos a innadiavel urgencia de limitarmos definitivamente as nossas vastissimas possessões na Africa meridional, marcando com individuação os territorios em que tencionavamos dilatar a nossa influencia e assegurando por meio de pactos internacionaes a livre communicação entre Angola e a contracosta, sem que outras potencias nos tolhessem uma plenissima liberdade d'acção.

Eis a origem e a synthese da politica seguida em 1885-1886 d'onde em breve resultáram as convenções com a França e a Allemanha, nações com quem foi mais facil e mais rapido o accordo por isso que eram menos interessadas no assumpto e menos ambiciosas do que a Inglaterra.

Nos primeiros tempos, até fevereiro de 1886, ao passo que se negociava em Paris e que se preparava o terreno em Berlim, caminhava-se tambem, lentamente mas com probabilidades de exito, para uma boa intelligencia com o governo britannico, cujo capital empenho parecia redusir-se á livre navegação do Zambeze.

Depois, mudáram as circumstancias e a nossa orientação mudou, sendo postos de parte os preliminares da negociação officiosa entabolada em Lisboa com o ministro inglez. Decorrido um anno sem se adeantar um passo, publicáram-se os tratados com a França e com a Allemanha e a opinião publica ingleza irritou-se vendo que chamavamos nosso ao territorio onde estavam as missões de Blantyre e nos apossavamos do imperio dos Matebeles, a que a gente do Cabo tinha pretensões, tudo isto sem darmos á Inglaterra nem vantagens particulares nem garantias de que respeitariamos os seus interesses n'aquellas regiões.

D'aqui o primeiro protesto contra os tratados de 1886 apresentado em agosto de 1887 pelo encarregado de negocios na ausencia do ministro, que n'essa epoca, podemos affirmal-o, antevia já, com dolorosa apprehensão os desastres futuros.

Com o tempo crescem e multiplicam-se as difficuldades, os incansaveis pioneiros inglezes avançam e as ambições do Cabo desencandêiam-se violentamente; pois, apesar disso, Sir George Petre não desespéra e, ainda em outubro de 1888, recemvindo de Inglaterra, nos extende uma tabua de salvação propondo um projecto, para base de negociações, segundo o qual ficariamos com a continuidade das nossas possessões ao norte do Zambeze comtanto que libertassemos a navegação d'este grande rio, déssemos certa independencia ás missões do Nyassa e abandonassemos as nossas pretensões ao paiz dos Matebeles onde nunca haviamos ido.

Era tarde; ao tempo da proposta expedições audaciosas, nossas e britannicas, partiam para ir percorrer em todas as direcções a Africa meridional; no verão de 1889 constituia-se a companhia *South Africa*, nossa inimiga encarniçada; e, poucos mezes depois, sobrevinham graves conflictos origem, ou pretexto, do *ultimatum* de janeiro de 1890.

*
* *

Começa então um verdadeiro martyrio para o ministro britannico, forçado a isolar-se dos mais intimos e mais queridos amigos para expiar sósinho a culpa, que não era sua, e soffrer o castigo dos males que elle tanto quizéra evitar.

Dolorosissima situação foi esta, subitamente aggravada pela violenta ruptura do tratado de 20 d'agosto, para cuja desgraçadissima redacção o ministro em Lisboa não concorrêra com uma só palavra, situação dolorosa que se prolongou até se concluir o accôrdo provisorio de novembro.

Durante as negociações seguintes não era preciso mais do que vêr Sir George para saber como ellas corriam. Se atravessava com passo ligeiro os salões do Calhariz, se uma rosa dos seus jardins lhe ornava a correctissima sobrecasaca, e um sorriso franco e amavel lhe brincava nos labios, era signal certo de boas noticias: Lord Salisbury mostrára-se mais disposto a fazer-nos justiça e elle já antegosava uma nova era de cordialidade, que lhe parecia surgir ao longe, muito ao

longe, no horizonte brumoso das nossas relações com a *fiel alliada* d'outros tempos.

Porém se elle entrava cabisbaixo, arrastando-se, com o sobretudo claro a pender-lhe do braço esquerdo, sem flôr ao peito e com a tristesa no semblante, tardando-lhe um pouco a falla, como se recusassem articular-se palavras que lhe não inspirava o coração, então, havia signal certo de tormentosa procella; Cecil Rhodes triumphára e accentuára-se a intransigencia da *perfida Albion*.

Foram tantas as tempestades a perseguil-o que a doença prostrou-o no leito e os seus dias perigáram. Só se curou de todo quando se concluio em Londres, no mez de maio, o tratado que pôz termo á lucta, recebido com geral acceitação, e que, por uma injustiça da sorte, elle não firmou.

*
* *

Infelizmente, pouco tempo lhe foi dado gosar a paz para que tão efficazmente contribuira; o inflexivel limite d'edade arrancou-o d'aqui, onde tanto o apreciavamos e onde tantos serviços poderia ainda prestar, fazendo renascer a perdida confiança e reatando as cordiaes relações d'outr'ora entre a sua querida patria e esta nação que elle soube, como ninguem, conhecer e estimar.

Ao desgosto que a sua partida nos causa accresce ainda o que sentimos por levar comsigo Lady Petre, senhora a quem todos queriamos com entranhado affecto, que o seu trato amabilissimo, que a sua franqueza expansiva e bondade inalteravel, amplamente justificam.

Uma palavra só resume o sentimento com que vêmos deixar Lisboa Sir George Glynn e Lady Petre, e essa palavra — saudade — é tão nossa que ninguem a pode traduzir.

C. R. du Bocage.

No proximo numero, medalhao de Regina Paccini. Artigo de Graziel.

POLITICA SEM POLITICA

Tem-se o *Diario Popular* empenhado n'uma serie d'artigos de *salvação retrospectiva*, em que pretende demonstrar, por $a + b$, que se o sr. Mariano de Carvalho não tivesse resolvido abandonar o ministerio e retirar-se á lavoura, o paiz estar n'este momento nadando na abundancia.

N'um d'elles encontra-se esta passagem, no n.º de 6 de março:

«Quando o sr. Mariano de Carvalho recebeu a honra inesperada de ser chamado por el-rei afim de ser ouvido relativamente á sua entrada no ministerio novo, tendo ouvido as razões exhibidas pelo augusto chefe do Estado, a unica coisa que respeitosamente perguntou, foi se sua magestade tinha alguma repugnancia ou objecção á alliança economica intima da nação portugueza com os Estados-Unidos do Brazil e com os Estados-Unidos do Norte. Desejando el-rei algumas explicações, que logo lhe foram dadas com a possivel largueza, sua magestade dignou-se de dizer, que não tinha preconceitos de nenhuma especie e que o seu unico desejo era promover a prosperidade da nação, cujos destinos a providencia lhe confiára. *O sr. Mariano solicitando de sua magestade a devida venia para que sobre o assumpto se guardasse toda a reserva*, acceitou o onus, que lhe era imposto em circumstancias singularmente difficeis e até perigosas.»

Como se vê, ha aqui divulgação de uma conversa secreta entre o chefe do Estado e um dos mais conspicuos conselheiros da Corôa.

Quem cometteu a inconfidencia de a contar no *Popular?*

Só duas pessoas, é claro, o podiam fazer.

Mas, em 3 de fevereiro, dizia a mesma estimavel folha:

«Mais uma vez temos a declarar que não é o sr. conselheiro Mariano de Carvalho o auctor, nem portanto o responsavel, dos artigos que sobre politica se publicam n'este jornal.»

N'estes termos, a dar credito a este aviso não revogado, a conclusão mais logica seria de que o actual redactor do *Diario Popular*, e strenuo defensor da politica com que o sr. Mariano esteve para salvar o paiz, seria, em pessoa, S. M. o Senhor D. Carlos.

Mas, como ha razões moraes que contradizem a legitimidade de tal conclusão, o que se segue é que o sr. Mariano de Carvalho, que é quem não escreve os artigos do *Popular*, é tambem aquelle que os escreve. *Duo, in carne uno!*

Parece um paradoxo, mas ainda em tal caso não seria o primeiro a que o illustre estadista ha dado exemplificação.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Na quarta-feira houve no Paço das Necessidades um esplendido jantar, offerecido por Suas Magestades em honra dos srs. Marquezes de Harcourt, que vieram expressamente a Portugal visitar Sua Magestade a Rainha.

Além dos illustres viajantes, assistiram ao banquete as damas de serviço e dignitarios do Paço.

Findo o jantar, realisou-se nos aposentos particulares da Rainha um animado *raout*, em que a gentil prima-dona Regina Pacini, acompanhada ao piano pelo maestro Bimboni, cantou diversas arias da *Semiramis*, da *Flauta magica*, da *Filha do regimento*, e a valsa Mirelli, o *Dopo*, de Tosti, e a formosa canção hespanhola *Partida*.

Suas Magestades receberam os seus convidados com a gentileza e a reconhecida affabilidade que caracterisa os augustos soberanos e festejaram Regina Pacini, dirigindo-lhe as palavras mais amaveis pela primorosa maneira porque cantou.

— O baile de *mi-carême* dado nos esplendidos salões dos srs. Condes de Magalhães foi uma festa deslumbrante, como são sempre as que se realisam n'aquelle palacio.

Pouco depois das 10 horas reunia-se nas salas tudo o que a nossa sociedade conta de mais elegante e de mais distincto, e até ás 4 horas da madrugada se prolongou o baile, dansando-se com a maior animação e terminando com um lindo *cotillon*.

A sr.ª Condessa de Magalhães e suas filhas, as sr.as Viscondessa de Taveiro e D. Antonia de Magalhães, fizeram as honras da casa com os primores de amabilidade com que costumam receber as suas visitas.

Antes de terminar o baile, foi aberto o buffete, e servida uma profusa e delicada ceia.

Assistiram á festa mais de tresentas pessoas, entre as quaes nos recorda ter visto as sr.as:

Marquezas do Fayal, da Praia e Monforte, de Oldoini e de Sabugosa, Condessas de Sabugosa, de Castello de Paiva, e filhas, de Valbom, de Villa Real, de Gouveia, de Bobonne, de Jimenez de Molina, de Lagoaça, da Cunha Mattos, de S. Januario, de Valenças e filhas, de Calheiros, da Guarda, de Anadia, de Penalva de Alva, de Bray, de Forgach, de Zogheb, de Calhariz de Bemfica, Viscondessas de Taveiro, de Varzea, de Alferrarede, da Graça, de Benavente, de Coruche e filhas, de Mangualde e filha, de Negrellos, D. Anna e D. Luiza de Serpa, D. Joanna Hintze Ribeiro, D. Maria Emilia Seabra de Castro e filhas, D. Thereza du Bocage, Lady Mac-Donall, Madame e Mademoiselle Chevitch, D. Grimareza Vianna de Lima, D. Maria Josepha da Costa Motta, Madame Komarow, Madame Bacherat, Madame Veraeghe, Madame Rosty, Madame Goschen, D. Mathilde dos Anjos Pindella, D. Sophia Castello Branco, D. Maria dos Prazeres e D. Thereza Villa Real, D. Marianna Castello de Paiva, D. Thereza e D. Maria Sabugosa, Mademoiselle Mathias de Carvalho, D. Maria Izabel O'Neill, D. Alda de Barros Gomes, D. Clara de Barros e Sá e filha, D. Maria Emilia Brandão Palha, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Marianna de Serpa, D. Amelia Ulrich Cardoso, D. Cecilia Van-Zeller, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, D. Patrocinio Palha Van-Zeller, D. Maria Raposo Oriol Pena, Madame Caupers, D. Margarida Chaves dos Santos, Madame Serpa Pinto, D. Alice Munró Anjos e filhas, D. Victoria de Oliveira Martins, D. Josepha Telles de Vasconcellos e filha, D. Maria Feliciana Ortigão Burnay, D. Bertha Ortigão Ramos, D. Thereza Aranha de Serpa, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Maria Christina Quintella e irmã, D. Maria Antonia Ferreira Pinto, D. Rita de Carvalho e filha, Mademoiselle Almedina, D. Fernanda Bregaro, D. Maria Anna Andrade de Castro Guimarães, D. Ernestina Iglezias Vianna, Madame Romero, D. Maria Domingas da Camara e D. Izabel Linhares, etc., etc.

— No ultimo *five-o'clock-tea* da srª. D. Anna de Serpa Pimentel estiveram, entre outras, as sr.as:

Condessas de Bertiandos e de Calhariz de Bemfica, Baroneza da Regaleira, D. Maria da Nazareth de Almeida Centeno, Madame Sousa Prego, Madame e Mademoiselle Campbell, Madame Romero, Madame Komarow, D. Fernanda Bregaro, D. Cecilia Wanzeller, D. Clara de Barros e Sá, D. Alda de Barros Gomes, Mademoiselle Garland, D. Clara Vianna e filha; e os srs. Conde de Bertiandos, Visconde de Silvares, Eugenio de Castro, Ezequiel de Sousa Prego, Eduardo Romero, José de Serpa, Komarow, Vicente de Sousa Brandão, etc., etc.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 12 — As sr.as: D. Maria do Carmo Dias de Oliveira, D. Carlota Mendes da Fonseca, D. Adelaide Heitor da Silva Costa, D. Camilla Ribeiro de Faria (Barros Lima), D. Arminda do Amaral Botelho Nunes da Motta, D. Marianna Emilia Paes Leitão, D. Constança de Lemos.

E os srs.: Dr. Alexandre Marianno Guerra, José Manuel da Cunha Menezes, Monsenhor Carlos da Costa Carvalho (Bella Vista), Ar-

FOLHETIM

Ultima corrida de touros em Salvaterra

Volveu, porém, em si decorridos momentos A livida pallidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril subitamente. Os cabellos desgrenhados e hirtos revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio como as sedas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantaneo, mas terrivel, o sombrio clarão de uma colera, em que todas as ancias insofridas da vingança se accumulavam.

Em um impeto a presença reassumiu as proporções magestosas e erectas como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por acto instinctivo a mão ao lado, para arrancar da espada, meneou tristemente a cabeça. A sua boa espada, cingira-a elle proprio ao filho n'este dia que se convertera para a sua casa em dia de eterno luto!

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do amphiteatro, seguro e resoluto como se as neves de setenta annos lhe não branqueassem a cabeça.

— Sua Magestade ordena ao marquez de Marialva, que aguarde as suas ordens! disse um camarista detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobresaltado, e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado d'um pensamento immutavel. Desviando depois a mão, que o suspendia, baixou mais dois degraus.

— Sua Magestade entende que este dia foi já bastante desgraçado e não quer perder n'elle dois vassallos... O marquez desobedece ás ordens de El Rei?!...

— El-Rei manda nos vivos e eu vou morrer! atalhou o ancião em voz aspera, mas sumida. Aquelle é o corpo de meu filho! e apontava para o cadaver. «Está ali! Sua Magestade póde tudo menos desarmar o braço do pae, menos deshonrar os cabellos brancos do criado que o serve ha tantos annos. Deixe-me passar, e diga isto.»

D. José vira o marquez levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mór as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua bocca não ouvira senão a verdade, e a idéa de o perder assim era-lhe insupportavel. Apenas lhe constou que elle não accedia á sua vontade, fez-se branco, cerrou os dentes convulso, e, debruçado para fóra da tribuna, aguardou em ancioso silencio o desfecho da catastrophe.

A esse tempo já o marquez pisava a praça, firme e intrepido como

naldo Adolpho Alves de Sousa Guimarães (Bulhão), João de Mello Travassos.

Segunda-feira 13 — As sr.as: Marqueza da Praia e de Monforte, D. Mary Amezalak, D. Julia de Abreu Ferreira da Cunha, D. Maria Izabel Maurity, D. Maria Francisca Ferreira, D. Maria Luiza de Carvalho Serra Zagallo, D. Zelinda Bobone.

E os srs.: D. Manuel de Aguilar e Gonçalves, Commendador Domingos Briffa, Bernardo Henriques de Abreu Motta Faria Blanc, Antonio da Cunha de Sousa e Vasconcellos Montory, Thomaz Sandeman, Thomaz Antonio Soares de Albergaria (Areias de Cambra), Bartholomeu d'Ornellas de França Carvalhal Frazão Figueira (Calçada), Commendador M. Zagury.

Terça-feira 14 — As sr.as: D. Maria Laura Pereira de Mello, D. Maria Eugenia d'Araujo, D. Eulalia Wanzeller, D. Palmira Lacueva e Sousa, D. Constança Telles da Gama, D. Julia Gomes de Amorim, D. Gabriella de Guimarães, D. Adelaide Felner Rollin, D .Hersilia da Conceição Pinto.

E os srs.: Victor Leopoldo Machado da Camara e Silva, Carlos Ferreira Coutinho, Joaquim Pedro da Costa, Pedro Folque

Quarta-feira 15 — As sr.as: Marqueza de Fontes Pereira de Mello, D. Maria da Piedade de Campos Valdez Briffa, D. Maria Zeferina Brandão Magalhães da Costa e Silva, D. Marianna Martens Ferrão, D. Maria Vieira de Magalhães (Alpendurada).

E os srs.: Visconde de Coruche, D. Manuel Lourenço de Lencastre, Manuel da Gama Salema, Antonio Joaquim da Costa e Silva, Antonio da Cunha Sousa e Vasconcellos, Ruy Vaz Medeiros e Vasconcellos, Antonio Teixeira de Sousa, Henrique Bernéx, Alfredo d'Albuquerque Felner, Conego Gil Carneiro, Antonio José de Mello.

Quinta-feira 16 — As sr.as: D. Maria das Dôres de Sousa e Silva, D. Regina Abudarkan, D. Amelia Luiza de Almeida Rebello, D. Rozina Perestrello, D. Francisca Olympia de Moraes Monteiro, D. Laura Catalá do Amaral Osorio (Almeidinha).

E os srs.: Barão de Sabroso, Antonio Pereira Coutinho, José da Cunha Abreu Peixoto, Antonio José de Siqueira Freire (S. Martinho), Elesbão de Bettencourt Lapa (Ourem).

Sexta-feira 17 — As sr.as: D. Maria do Carmo de Pina, D. Elvira da Conceição Belliter, D Eugenia Luiza David Henriques Marinho.

E os srs.: Francisco José da Horta Machado (Alte), Bernardo Augusto Teixeira de Lencastre e Menezes, José Falcão de Magalhães.

Sabbado 18 — As sr.as: Viscondessa da Torre Bella, D. Maria da Gloria Freitas, D. Malvina Freitas de Mascarenhas de Andrade, D. Eugenia Luiza David Henriques.

E os srs.: José da Cunha Porto, José de Pina Manique, Jorge Galvão Mexia de Moura Telles de Albuquerque, Luiz José de Vasconcellos.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

UM QUARTO D'ENFERMO

Seria conveniente que em toda a casa houvesse um quarto destinado a ser habitado por qualquer pessoa da familia que cahisse doente. Esse quarto deve ter as janellas voltadas para leste e sul. As paredes serão forradas com papel alegre, e, podendo ser, guarnecidas com dois ou tres quadros de aspecto risonho. Estes promenores, que a muita gente podem parecer insignificantes, teem (pelo contrario) uma grande importancia e contribuem para animar o doente, auxiliar o facultativo, a cura e a natureza. Nada de grandes tapetes, nem de reposteiros e cortinados luxuosos. Um pequeno tapete aos pés da cama bastará para que o doente, ao levantar-se, não tenha de expôr os pés no sobrado frio do quarto. De resto, as mesas indispensaveis para ter os frascos e as garrafas dos remedios, um thermometro para se saber a temperatura do aposento e um relogio de parede que regule bem, e que sirva para marcar precisamente as horas em que devem ser ministrados os medicamentos.

A accumulação de mobilia, sobretudo sendo estofada, é prejudicial á pureza da atmosphera de um quarto; e se o é para um quarto habitado por pessoa com saude, muito mais nociva será, quando n'esse quarto estiver uma pessoa enferma.

Além dos objectos indicados, deverá tambem ali haver uma *chaise-longue* ou uma poltrona confortavel e commoda, para onde o doente será transportado todas as vezes que tenha de sahir do leito.

O aceio, sempre tão necessario, é ainda mais imperiosamente reclamado para um doente e para tudo o que o cerca.

Tambem deve haver toda a attenção na escolha do enfermeiro ou enfermeira. É preciso que, por qualquer circumstancia, não seja repugnante ao enfermo, e antes lhe seja uma pessoa sympathica, que lhe appareça sempre vestida com aceio, bem lavada, as mãos sempre limpas, e que, além d'estas qualidades, seja amoravel, resignada e paciente. As colheres, as chicaras e os copos que servem ao doente devem ser escrupulosamente lavados antes e depois de ministrados os remedios. O aspecto pouco limpo de qualquer d'esses objectos augmentará a repulsão que muitos doentes teem pelos medicamentos. Quando se dá de beber a um enfermo deve tomar-se a precaução de se lhe cobrir o peito com uma toalha. Evita-se d'esse modo a impressão desagradavel que elle terá sentindo-se molhado, ou a fadiga de mudar de roupa.

No caso de não se poder dispôr n'uma casa d'um quarto especial que, como fica indicado, deva servir de enfermaria, disponha-se o quarto do doente segundo as prescripções referidas. Para isso bastará retirar todos os moveis superfluos, os tapetes e cortinados, deixando-se ficar apenas o necessario para dar um aspecto agradavel ao aposento. Salvo indicação contraria do facultativo, o quarto do doente deve ser muito arejado, e é por isso prudente, quando se abrem as janellas, resguardar

---

os antigos romanos diante da morte. Dentro do peito o seu coração chorava, mas os olhos aridos queimavam as lagrimas quando subiam a rebentar por elles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantaneo, todo o ajuntamento se poz de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrazados de agua exprimiam aquella dolorosa contensão do espirito, em que um sentido parece concentrar todos.

Deixae-o ir ao velho fidalgo! A magua, que o traspassa, não tem egual. O fogo, que lhe presta vida e forças, é a desesperação. Deixae-o ir, e de joelhos! Saudae a magestade do infortunio!

O pae angustiado ajoelhou junto do corpo do filho e pousou-lhe um osculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa no braço e cobriu-se. Decorridos instantes estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chammejante, provocando-o para o combate.

Cortado de commoções tão crueis, não lhe tremia o braço, e os pés arraigavam-se na arena como se um poder occulto e superior lh'os tivesse ligado repentinamente á terra.

Fez-se no circo um silencio gelido, tremendo e tão profundo, que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração do marquez se n'aquella alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O touro arremette contra elle... Uma e muitas vezes o investe cego e irado, mas a destreza do marquez esquiva sempre a pancada.

Os ilhaes da féra arfam de fadiga, a espuma franja lhe a bocca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua furia. Calculando as distancias, frustra-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.

A immensidade da catastrophe immobilisa todos.

De subito solta El-Rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro, e quasi todos ajoelharam para resarem por alma do ultimo marquez de Marialva.

A afflictiva pausa apenas durou momentos. Por entre as nevoas, de que a pupilla tremula se embaciava, viu-se o homem crescer para a fera, a espada fuzilar nos ares e logo após sumir-se até aos copos entre a nuca do animal. Um bramido, que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena, encerraram o extremo acto do funesto drama.

Clamores unisonos saudaram a victoria. O marquez, que tinha dobrado o joelho, com a força do golpe levantava-se mais branco do que um cadaver. Sem fazer caso dos que o rodeiavam, tornou a abra-

o leito com um alto biombo. A temperatura d'um quarto não deve descer abaixo de 16.°, nem ser muito mais elevada.

UMA RECEITA

Explosão do petroleo. — Raro é o dia em que os jornaes deixam de noticiar a explosão do petroleo de um candieiro. E, todavia, nada mais facil de evitar; porque o perigo está em ser o candieiro mal provido. O unico meio de evitar a explosão é encher completamente o deposito do candieiro. Não sendo assim, o vapor que se exhala — durante o tempo que decorre antes de se accender a torcida — mistura-se ao ar na parte superior do candieiro, e fórma uma materia explosiva.

Para extinguir as chammas de petroleo, empregue-se leite ou farinha. Tambem é prudente collocar junto dos candieiros alguns frascos cheios de ammoniaco. Se pega fogo no petroleo, o frasco do ammoniaco estalará, e o vapor d'este liquido, espalhando-se na atmosphera inflammada, extinguirá instantaneamente a chamma, em virtude da propriedade que possue o gaz ammoniacal de impedir qualquer combustão.

EPHEMERIDES SEMANAES

---

5 — Leilão dos quadros do fallecido rei D. Fernando II.

6 — O Tribunal especial de verificação de poderes annulla o diploma de deputado por Thomar, conferido ao sr. conselheiro Silva Amado, e proclama deputado por aquelle circulo o sr. Conde de Burnay.

— O sr. ministro da guerra recebe a officialidade da guarnição de Lisboa, dirigindo-lhe uma allocução-programma.

7 — Parte para Inglaterra Lady Petre, esposa do ex-ministro britannico em Lisboa.

8 — Jantar no paço das Necessidades em honra dos srs. Marquezes de Harcourt.

9 — Morte do engenheiro Neves Cabral.

10 — O *Diario do Governo* publica os decretos creando as bolsas de trabalho, accelerando a cobrança coerciva das dividas ao Estado, mandando proceder a eleições supplementares no circulo de Nova Goa e na assembleia de S. Miguel do circulo de Sotavento, prorogando os privilegios do Banco Ultramarino, e fixando o capital e o praso para a constituição da Companhia do Nyassa.

— O sr. Conde de S. Januario toma posse do commando da Escola do Exercito.

11 — Sóbe pela primeira vez á scena, no theatro de D. Maria, a comedia original, *Os Velhos* — de D. João da Camara.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Se a variedade só por si é um deleite — como diz o poeta latino — os frequentadores do nosso theatro lyrico não tiveram razão de queixa durante esta semana. Nada menos de tres operas differentes subiram á scena: o *Navio Phantasma*, a *Africana*, e a *Lucia*.

Já á primeira nos referimos no nosso ultimo numero; e os elogios que na opera de Wagner grangeou a sr.ª Arkel não foram menos sinceros nem mais merecidos do que os que alcançou pela maneira primorosa porque desempenhou a parte de *Selika*, na opera de Meyerbeer. E pena é que, sendo a *Africana* uma das composições musicaes que mais agradam ao nosso publico, alguns dos outros artistas que a cantaram não participassem dos applausos da insigne *prima-dona*. Não participaram, porque o não mereceram. O tenor Gabrielesco, que nas outras epochas tem cantado esta opera, e tem sempre conquistado enthusiasticas palmas, não o fez este anno, como se esperava. Está evidentemente enfermo, e, por maiores que sejam os seus esforços, não póde com tão difficil trabalho. Não lhe faltam qualidades de voz, nem talento artistico; mas falta-lhe saude, fallecem-lhe as forças, e sem o tempo de repouso necessario para se restabelecer, terá, como succedeu agora, de se fazer substituir por outro cantor. Foi o tenor Colli quem na segunda recita da *Africana* fez a parte de *Guido*, e desempenhou-se de modo a merecer os applausos do publico.

O barytono Tabuyo no papel de *Nelusco* teve alguns momentos felizes, mas em geral não inspirou enthusiasmo.

De modo que o unico artista que realmente sobresahiu, e d'um modo brilhantissimo, foi a sr.ª Arkel. Póde até dizer-se que ha muitos

---

çar-se com o corpo do filho, banhando-o de lagrimas e cobrindo-o de beijos.

O touro ergueu-se, e, cambaleando com a sezão da morte, veiu apalpar o sitio aonde queria expirar. Ajuntou ali os membros e deixou-se cair sem vida ao lado do cavallo do conde dos Arcos.

N'esse momento os espectadores olhando para a tribuna real estremeceram. El-Rei, de pé e muito pallido, tinha junto de si o marquez de Pombal, coberto de pó e com signaes de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de proposito as costas á praça fallando com o monarcha. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Hespanha, senhor. É inevitavel. Vossa Magestade não póde consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassallos. Se continuassemos n'este caminho... cedo iria Portugal á vela.

— Foi a ultima corrida, marquez. A morte do conde dos Arcos acabou os touros reaes emquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de Vossa Magestade. Não ha tanta gente nos seus reinos, que possa dar-se um homem por um touro. El-Rei consente que vá em seu nome consolar o marquez de Marialva?

— Vá! É pae. Sabe o que ha de dizer-lhe...

— O mesmo que elle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-Rei sahiu da tribuna, e o marquez de Pombal, entrando na praça em toda a magestade de sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:

— Senhor marquez! Os portuguezes como vossa excellencia são para darem exemplos de grandeza d'alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lh'o. Altos juizos seus! A Hespanha declara-nos a guerra, e El-Rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de vossa excellencia.

E travando lhe da mão, levou-o quasi nos braços até o metterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. No seu reinado nunca mais se picaram touros reaes em Salvaterra.

Rebello da Silva.

annos se não canta entre nós com tanta correcção e com tanta intensão artistica o papel de *Selika*.

A *Hebrêa* que devia ser cantada hontem, foi substituida pela *Lucia de Lamermoor*, para descanso da sr.ª Arkel.

*

D. Maria

Realisou-se hontem a primeira representação da comedia em tres actos, original de D. João da Camara — *Os velhos*.

A hora a que entra no prelo o nosso jornal, não nos permitte dar nem da peça, nem do seu desempenho, uma noticia circumstanciada. Fal-o-hemos, porém, no proximo numero.

D. João da Camara tem a sua reputação de escriptor dramatico brilhantemente affirmada no drama em verso *Affonso VI* e no *Alcacer-Kibir*.

Os Velhos são escriptos em prosa.

*

Real Colyseu

Na ultima funcção de moda, a formosa gymnasta Geraldine, depois de ter sido applaudida na dansa *serpentine*, apresentou-se, em companhia do eximio atirador Baughman, a fazer exercicios ao alvo.

A casa estava completamente cheia, vendo-se os camarotes occupados por senhoras da nossa primeira sociedade e nas cadeiras da plateia os mais elegantes *sportsmen*.

Apenas se ergueu o panno, e Geraldine appareceu no palco, luxuosamente vestida de preto, decotada, e armada com uma clavina, todos os espectadores se voltaram para ella, esperando que chegasse a vez á gentil acrobata de mostrar mais uma das suas raras aptidões. E passados alguns minutos, em que o atirador Baughman, com uma pontaria certeira, alcançou os alvos, Geraldine apontou a sua clavina, desfechando-a, foi cravar a bala com uma precisão mathematica no alvo indicado.

Uma calorosa salva de palmas applaudiu a artista. Depois, já com clavina, já com pistolla, umas vezes affrontando o alvo, outras vezes voltada de costas, e fazendo a mira com auxilio de um pequeno espelho, não falhou um unico tiro.

Foi o acontecimento mais notavel do espectaculo.

No camarote real assistiram Suas Magestades El-Rei e a Rainha, o sr. Infante D. Affonso e os srs. Marquezes d'Harcourt.

*

Trindade

Está outra vez em scena o *Gato Preto*, uma das peças que maiores e mais repetidas enchentes tem dado áquelle theatro.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

SPECTATOR

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

Bolsa semanal de Lisboa

Designação dos valores	*Ultimas cotações anteriores*	DE 6 DE FEVEREIRO A 11 DE MARÇO					
		6	7	8	9	10	11
Inscripções externas	27.40		27.45	27.70	27.70	27.75	27.80
» internas	28.21						
» » ass	30.90	30.80	30.75	30.80		30.50	
» » ass	30.		30.80				13.500
» » ass	31.50		32.				
» » coupon	29.50	29.	29.45	29.70	29.75	29.80	29.80
» » coupon	28.80				30.50		30.30
Obrig. do Governo de 1888	13.500	13.700	13.700	13.700			13.700
» » » » 1888 e 1889, ass.	39.000						
» » » » » » coup.	33.800	33.800		33.600	33.800		
» » » 1890	32.						
» » » » com gar. dos Tab.	79.900						
» » Banco Nacional Ultramarino.	71.000						
» » » » »	90.000						
» da Comp. das A. de Lisboa, ass.	61.000						
» » » » » » » coup.	63.000			59.000		59.000	
» » » de Fiação de Thomar	74.000						
» » » do Gaz do Porto	60.000						
» » » Ger. Cred. Pred., ass.	90.000	90.000	90.000	90.000	90.000		90.000
» » » » » » ass.	87.000		87.500				
» » » » » » ass.	79.500						
» » » » » » ass.	72.000						73.000
» » » » » » coup.	89.500			90.000			
» » » » » » coup.	87.500						
» » » » » » coup.	69.000						
» Municipaes ou Districtaes	89.500						
» » » » ass.	89.500						
» » » » ass.	83.000	83.000					
» » » » coup.	78.500						
» R. C. F. Atr. d'Africa	39.000	39.000			38.500	38.000	
» » » » » Portuguezes	30:000						
ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS:							
Banco Commercial de Lisboa	87.000		87.000	87.000		87.000	87.200
» Lisboa e Açores	87.000					104.500	
» de Portugal	109.000		109.000	109.000			109.000
Companhia das Aguas de Lisboa:	61.000						
» do Gaz e Electricidade	27.000						
» Geral do Credito Predial	31.000	31.000					
» R. Cam. Ferro Portuguezes	16.000			31.000	31.000		31.000
» dos Tabacos de Portugal	39.500		39.000				
» R. Vinic. do N. de Portugal	90.000						

O TEMPO

ÁS 9 HORAS DA MANHÃ

Dias	Pressão	Temperatura			Evapor.	Ozone	Céo	Mar	Vento
		9 h. m.	Max.	Min.					
4	—	—	16,3	10,8	3,3	4,5	—	—	—
5	764,8	12,4	16,0	9,8	2,5	3,8	M. nub.	Peq. Vaga	N. W. W. fraco
6	766,2	10,5	17,6	18,8	1,1	4,5	P. nub.	—	N. N. E. mod.
7	761,0	13,2	15,8	10,6	1,0	5,5	M. nub.	—	N. E. mod.
8	762,0	11,5	17,0	10,3	1,3	5,0	—	Agitado	S. N. S. fresco
9	763,7	13,1	20,6	10,7	2,3	6,0	—	Peq. Vaga	N. E fraco
10	760,5	14,8	21,7	13,1	3,0	3,5	—	Pouco Ag.	N. N. mod.
11	760,5	13,2	—	—	—	—	Encoberto	Peq. Vaga	N. N. mod.
Méd.	762,6	12,6	20,6	9,8	2,0	4,6	—	—	—

BOLETIM OBITUARIO

SEMANA DE 26 DE FEVEREIRO A 4 DE MARÇO

Causas	1893	1888	1889	1890	1891	1892
Tuberculose pulmonar	21	26	16	26	33	15
Tuberculose outras	9	12	10	21	8	12
Lesões do coração	9	15	12	9	11	17
Apoplexia cerebral	13	10	13	13	4	12
Bronchite aguda	7	17	9	17	18	14
Pneumonia aguda	10	28	23	23	18	15
Febre typhoide	—	2	3	—	2	1
Variola	1	14	7	5	10	—
Diphteria	1	1	—	1	—	2
Cancro	3	6	2	5	2	5
Debilidade congenita	6	4	13	6	9	5
Outras causas	27	37	36	33	30	35
Total	107	174	144	159	145	133
Nascidos mortos	15	16	16	14	17	13

PRIX D'HONNEURS ET 60 MEDAILLES AUX EXPOSITIONS

Aux Fleurs de Nice

246-248, Rua Aurea—LISBONNE

M.me Louise

BOUQUETS ET PIECES MONTÉES

Guarnitures pour Bals et Soirées

EXPEDITIONS POUR TOUS PAYS

CABARET DU ROCHER

76 e 77, Rua Garrett, LISBOA

Déjeuners & Diners, a prix fixe et sur commande.
Service à la carte.
Lunch de 2 a 4 h. du soir, et a la sortie des théatres.
Soupeurs, Chauds et froids, de 10 h. du soir a 2 h. du matin.
Déjeuners, Diners, pour la ville et sur commande.
Café et chocolat au lait, Consommé chaud & froid, Sandvvich.
Glaces & Sorbets.
Sirops, Bierre, Liqueurs, Vins Fins de Dessert, etc., Champagne.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1